

**Ai de ti, 64**



Por **FLÁVIO AGUIAR\***

*O Golpe de 64 criou um tipo de caixa-preta na vida de todo mundo. Sempre há algo que é difícil ou mesmo impossível de decifrar completamente*

A Malena Monteiro. A Alfeu de Alcântara Monteiro, *in memoriam*.

## 1.

Há uma praça de menos em Porto Alegre. Essa praça deveria se chamar “Tenente-Coronel Aviador Alfeu de Alcântara Monteiro”.

Alfeu de Alcântara Monteiro nasceu em Itaqui, Rio Grande do Sul, em 31 de março de 1922. A Semana de Arte Moderna tinha um mês e meio de realização. Naquele ano também seria fundado o Partido Comunista do Brasil. O menino Alfeu tinha três meses e meio de vida quando do episódio dos 18 do Forte, em Copacabana.

Tinha dois anos mais ou menos quando o capitão Luís Carlos Prestes começou a marcha de sua coluna, naquela região mesma em que nascera, as Missões. Tinha oito anos na Revolução de 1930, dez na de 32, 20 quando o Brasil entrou na Segunda Guerra, ao lado dos aliados e da União Soviética, contra os nazi-fascistas e o Eixo. Teria 44 anos recém-completos ao morrer, em 4 de abril de 1964, em consequência do golpe dado dias antes.

Em 1941 ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, e em 1942 passou para a Escola da Aeronáutica, onde se formou como aspirante em 1943, designado para servir na base aérea de Fortaleza.

Fez uma carreira bastante protocolar e rápida, marcada por elogios oficiais. Recebeu louvores individuais em diversas ocasiões. Em 1946 já era tenente aviador e estava na Base Aérea de São Paulo. Em 1947 estava de volta na Escola de Aeronáutica, no Rio de Janeiro, onde recebeu louvor, destacando “suas qualidades de caráter e esmerada educação, aliadas à correta noção de disciplina e dos assuntos profissionais, que o fazem despontar entre os oficiais de escolta da FAB”. Serviu ainda em Natal nesse período.

Por seus méritos integrou a equipe de oficiais aviadores que em 1948 foi buscar os aviões de combate Gloster Meteor adquiridos nos Estados Unidos. Nos dez anos seguintes serviu em Natal, Rio de Janeiro, São Paulo e na Base Aérea de Canoas, município vizinho a Porto Alegre. Recebeu vários elogios em sua folha de serviço por participação em eventos esportivos e em manobras de campo, simulando combates. Muitos desses elogios ressaltam sua capacidade de superar dificuldades e precariedades provocadas por falta de suprimentos ou aparelhos adequados.

Em 1957 recebeu um elogio por escrito do brigadeiro do ar Nelson Freire Lavanère Wanderely, do Comando da Primeira

Zona Aérea. Em 1964 o já tenente-coronel Alfeu Alcântara Monteiro seria acusado de tentar assassinar o brigadeiro Lavanère Wanderley na Base Aérea de Canoas.

Em 1958 fez o curso do Estado Maior da Aeronáutica no Rio de Janeiro. Em 1959 passou a integrá-lo, e em dezembro desse ano estava servindo na Sub-Seção do Exterior do Comando de Segurança Nacional. Nos elogios recebidos em sua folha de serviço nesta função, destacam-se os seguintes termos e expressões: “personalidade marcante”, “destacado piloto da FAB”, “impecável apresentação”, “correção e franqueza de atitudes”, “discreto, trabalhador e inteligente”, “espírito de cooperação”. Diz o elogio de 27 de julho de 1960: “Embora constantemente solicitado para cumprir seus deveres como piloto da FAB, tem em dia seus encargos”.

Em 31 de janeiro de 1964 recebeu o que provavelmente foi seu último elogio oficial, da parte do General de Divisão Ernestino Gomes de Oliveira, diretor geral de Saúde do Exército, nos seguintes termos: “Tenente Coronel Aviador Alfeu de Alcântara Monteiro, oficial disciplinado, competente e proficiente, comandou com destreza e perfeição o transporte de que me utilizei. Sempre pronto para o serviço, o Ten. Cel. Alfeu deu demonstração cabal de pontualidade e de espírito militar. Louvo pois o Ten. Cel. Alfeu e auguro-lhe o melhor êxito em sua brilhante carreira”.

Tudo isso consta de cópia autenticada da folha corrida do tenente-coronel, que lhe foi passada em 23 de março de 1964, na Base Aérea de Canoas, de que tenho reprodução.

## 2.

Aqui vale a pena transcrever trecho do seu obituário, publicado em 5 de abril daquele ano, no Diário de Notícias de Porto Alegre: “[serviu] no Comando de Segurança Nacional até fevereiro de 1961. Foi exonerado nesse mês daquele órgão, ficando 90 dias sem função e sem vencimentos, ao que dizem por ser antijanista. Ao terceiro mês de afastamento foi classificado em Recife. Este fato levou-o a dirigir carta a um oficial do Ministério da Aeronáutica, dizendo-lhe que só lhe servia Porto Alegre, pretensão que lhe foi satisfeita um pouco mais tarde. Quando da renúncia do senhor Jânio Quadros e com a ida do brigadeiro Aureliano Passos para o Rio, Alfeu Monteiro assumiu o comando da Quinta Zona Aérea, em face de sua ligação com o esquema organizado pelo senhor Leonel Brizola”.

O “esquema organizado pelo Sr. Leonel Brizola” era a Rede da Legalidade, para garantir a posse de João Goulart na Presidência da República em agosto/setembro de 1961, diante da disposição golpista dos ministros militares Odylio Denis, Sílvio Heck e Grum Moss para impedi-la. De fato, o tenente-coronel acabou tendo participação decisiva nos acontecimentos.

No torvelinho político que se seguiu à inesperada renúncia de Jânio, a obstinação do governador do Rio Grande do Sul em não se dobrar diante da tentativa de golpe exasperou o comando militar em Brasília. Forçado pelas circunstâncias e por vários de seus comandados, entre eles os generais Pery Bevilacqua e Oromar Osório, o comandante do 3º Exército, general Machado Lopes, decidiu também se insurgir contra o golpe.

Nesse momento, o gabinete do Ministério da Guerra transmitiu ao general Machado Lopes a seguinte mensagem, às 6h 28 de agosto: “O IIIº Exército deve compelir imediatamente o sr. Leonel Brizola a por termo à ação subversiva que vem desenvolvendo e que se traduz pelo deslocamento e concentração de tropas (...) Faça convergir sobre Porto Alegre toda a tropa do Rio Grande do Sul que julgar conveniente, inclusive a 5ª DI, se necessário. Empregue a Aeronáutica, realizando inclusive o bombardeio, se necessário(...)”.

Radioamadores captaram a mensagem. A senha definitiva para o ataque aéreo, que também chegou a ser transmitida era: “Tudo azul em Cumbica. Boa viagem”, porque os jatos da Base Aérea de Canoas, depois da missão, deveriam seguir para aquela base em São Paulo.

Em Canoas seguiram-se momentos indescritíveis de tensão. Alertados pelo capitão Alfredo Daudt, os sargentos da base aérea se insurgiram, decididos a impedir que os oficiais levantassem voo. Esses se dirigiram a um dos prédios para vestir os uniformes. A partir daí os relatos são muitos. Uns dizem que os pneus dos jatos foram esvaziados. Outros dão conta que os sargentos cercaram os oficiais no prédio, e que todos, de ambos os lados, dispunham de armamento pesado e estavam dispostos à luta. Ainda outros que eles deram as mãos formando uma corrente para evitar que os oficiais pudessem embarcar nos jatos.

Os sargentos conseguiram enviar um jipe até o centro de Porto Alegre (naquele tempo o sistema de comunicações era muito precário) para pedir ajuda. O jipe quase foi virado por uma multidão enfurecida pela notícia da ameaça de bombardeio. Consta que um dos sargentos só conseguiu impedir o linchamento gritando que era parente de Brizola, o que não era verdade...

Os emissários conseguiram passar, e o general Machado Lopes enviou uma força-tarefa para assumir o controle da situação na Base Aérea. Foi feito um acordo: o comandante da base, brigadeiro Aureliano Passos, e os oficiais favoráveis ao golpe a abandonaram e foram para Cumbica. Assumiu o comando o tenente-coronel aviador Alfeu de Alcântara Monteiro, legalista.

Ao assumir o comando da base, o tenente-coronel deu declarações no sentido de tranquilizar a opinião pública. Anunciou - o que confirmava fatos sabidos da véspera - que o brigadeiro Aureliano deixara a base com mais oficiais levando os jatos que seriam utilizados no bombardeio da cidade, em número de dez.

Alegava que isso afastava o perigo do ataque, e, além disso, negava a existência da ordem que a base, de fato, recebera: "Na realidade os oficiais, inclusive o comandante da Esquadilha de Caças, estavam contrários à atitude para que a FAB bombardeasse o Palácio de Governo ou qualquer outro local". Esse "qualquer outro local" seriam pelo menos as torres da Rádio Guaíba, base da Rede da Legalidade que o governo gaúcho já formara em escala nacional.

Li, tempo atrás, um depoimento do escritor mineiro Oswaldo França Júnior (1936-1989), já falecido, que conheci pessoalmente no restaurante Dona Lucinha, em Belo Horizonte, onde tinha mesa fixa, sobre os acontecimentos na Base Aérea de Canoas, onde ele servia como oficial aviador. No seu depoimento ele confirmava a ordem de bombardeio. Dizia que houvera uma intensa discussão entre os oficiais se a ordem deveria ser cumprida ou não. A decisão final da maioria dos oficiais foi positiva, e e passaram a noite se preparando para o ataque. Este só não aconteceu devido à intervenção dos sargentos e dos oficiais legalistas. Oswaldo França Júnior acabaria cassado e expulso da Aeronáutica em 1964.

Entretanto, alguns dias depois, o tenente-coronel Alfeu de Alcântara Monteiro daria nova entrevista ao mesmo jornal (o *Jornal do Dia*), em 3 de setembro, em que denunciava manobras dos ministros de Brasília para "desunir" as forças da Legalidade, segundo as quais ele não mais obedeceria à orientação prevalecente no Rio Grande do Sul. Diz o texto: "Trata-se de uma manobra do Ministério para tentar separar as forças do Rio Grande, Terceiro Exército, FAB e governo do Estado. Estamos indissolivelmente unidos e reina harmonia nas forças da Legalidade".

Essa harmonia não devia ser tanta assim. A própria notícia, mais adiante, dizia curiosamente que na Base Aérea de Canoas havia 216 sargentos, cabos e soldados prisioneiros de cerca de 30 oficiais. Ou seja, isso mostra que houvera, ao lado da negociação sobre o impedimento do bombardeio do centro de Porto Alegre, uma negociação formal sobre o destino das ordens e contraordens dadas, recebidas e de fato não cumpridas.

Mas de certo modo os aviões tinham cumprido a ordem recebida, ou seja, decolaram de Canoas e pousaram em Cumbica. Se não realizaram o bombardeio é porque não tinham bombas nas asas, impedidas de embarcar pelos sub-oficiais e pela presença da força-tarefa enviada pelo general Machado Lopes. Ao mesmo tempo, os suboficiais e praças rebeldes permaneceram sob a custódia dos oficiais remanescentes. Mantinha esse delicado equilíbrio a presença e o prestígio do tenente-coronel aviador Alfeu de Alcântara Monteiro. Não deixava de ser uma saída algo à brasileira: tudo estava de acordo com os manuais, e dessa forma a carreira de ninguém seria prejudicada, é o que se pode concluir.

O fato é que a ordem de bombardeio houve, e só não se cumpriu graças à decisão contrária dos sargentos, dos suboficiais, e dos oficiais legalistas, logo a seguir amparada pela atitude do tenente-coronel, assumindo o comando da Base Aérea. O cumprimento da ordem teria consequências imprevisíveis: o Palácio Piratini, alvo do bombardeio, fica em local densamente povoado; nesta época já havia até alguns edifícios em redor. A Praça da Matriz (oficialmente Marechal Deodoro), como a população ainda a chama, em frente ao Palácio, estava sempre cheia de povo, naqueles dias de mobilização. Haveria um morticínio, como o que houve em junho de 1955 em Buenos Aires, quando aviões da Marinha e da Aeronáutica bombardearam a Casa Rosada e outros prédios públicos numa tentativa de derrubar Perón.

### 3.

Minha família morava na rua Demétrio Ribeiro, a quatro quadras do Palácio Piratini. Na manhã em que se espalhou a notícia do possível bombardeio presenciei cenas dignas de um documentário sobre a Segunda Guerra Mundial: famílias batendo em retirada pela rua, levando malas com roupas e outros pertences. Na noite que se seguiu, ainda sob a sombra da ameaça, nós mesmos fomos dormir no apartamento de uma amiga da família, muitas quadras mais distante.

A importância dos acontecimentos de Canoas foi atestada pelo fato de que na Base Aérea começaram as comemorações do Sete de Setembro seguinte, quando a crise da posse de Goulart já estava resolvida. Às 9 hs houve um desfile que homenageava as autoridades que para lá se deslocaram: o governador Brizola, o general Machado Lopes, o comandante da Brigada Militar, o arcebispo do Rio Grande do Sul. No fundo, os homenageados por tal deslocamento eram os praças, sargentos, suboficiais e oficiais legalistas da base. Nas fotos publicadas na imprensa, o tenente-coronel Alfeu de Alcântara Monteiro tem lugar de destaque.

Neste momento o vice-presidente João Goulart já embarcara para Brasília, depois de chegar a Porto Alegre ao fim de uma longa viagem da China, onde estava quando da renúncia de Jânio, com escala final em Montevideu. A ida de João Goulart para a capital da República, depois da sua aceitação da emenda parlamentarista, também teve participação especial da FAB. Chegou-se a montar uma operação para derrubar o avião presidencial, a “Operação Mosquito”. Contrária a ela, e com a participação de sargentos e suboficiais de Brasília, montou-se uma “Operação Tática” destinada a impedir que aviadores golpistas pudessem cumprir aquela determinação.

A base da “Operação Tática” foi o Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, de onde partiu o avião presidencial. Fizeram parte dela iniciativas como a de impedir que os demais aeroportos do caminho obtivessem informações sobre o plano de voo, e de divulgação de dados meteorológicos enganosos sobre o sul do Brasil, como a de que chuvas torrenciais impedissem o sobrevoo de Porto Alegre. O comandante da “Operação Tática” foi o tenente Generoso Resende Lacerda, mas o responsável por todas as ordens, mais as mensagens, enganosas ou não, para o resto do país, foi o tenente-coronel Alfeu de Alcântara Monteiro.

Essa posição proeminente nos acontecimentos de 1961 valeu a ele algumas promoções a seguir. Duas são muito significativas. Chegou a ser piloto do avião presidencial, depois da posse de João Goulart. E foi nomeado para dirigir a Superintendência da Fronteira Sudoeste, que abrangia os estados sulinos mais o Estado do Mato Grosso (hoje, na região, Mato Grosso do Sul). Mas o tenente-coronel aviador não permaneceu nos cargos. Do primeiro não tenho informação de por que nem quando saiu.

Mas do segundo afastou-se em 20 de janeiro de 1963, enviando o seguinte telegrama às autoridades competentes: “Informo Vossência serei substituído breve Superintendência Fronteira Sudoeste devido imposição governador Leonel Brizola e presidente PTB Rio Grande do Sul o estrangeiro [sic] João Caruso. Motivo real não mencionado presidente Jango é que não sou político e assim jamais permitirei transformar órgão sob minha direção em cabide de emprego para cabos eleitorais que deverão agir próximas eleições para prefeito de Palegre e outros municípios do RGS. Adianto vossência que pessoalmente só tenho prejuízos naquela função. Esses prejuízos estavam sendo compensados tendo em vista

possibilidades promover patrioticamente desenvolvimento socioeconômico área Fronteira Sudoeste, no menor espaço de tempo, com máxima economia, contando naturalmente cooperação governo objetivo e profícuo vossência e demais governadores, conforme poderão testemunhar elementos credenciados [n]esse Estado e outros compreendidos fronteira Sudoeste, que lá estiveram e presenciara[m] a minha orientação administrativa imprimida ao órgão. Lamento informar vossência esses fatos mas faço pretendendo ressaltar minha responsabilidade no caso e dar nome aos bois, para que o povo dos quatro estados, que fazem parte da área, não fique às escuras sobre o assunto. Sentindo não mais poder dedicar meus esforços nessa direção, despeço-me atenciosamente. Alfeu de Alcântar Monteiro, tenente-coronel aviador.”

## 4.

Pouco depois de deixar a superintendência, o tenente-coronel se envolveu numa luta de rua em Porto Alegre, ao ser interpelado por guardas de trânsito de forma que considerou inadequada. O episódio se passou às 23 h de um sábado, no mês de fevereiro, e acabou na Chefatura de Polícia, além de ser publicado com estardalhaço em jornais do dia seguinte.

Por esse tempo o tenente-coronel havia se separado da esposa e constituído nova família. A primeira foi residir no Rio. Mas ao longo de 1963 ele acabou reconsiderando sua situação. Reconciliou-se com a primeira esposa, decidindo ambos voltar a morar juntos. Querendo seguir para o Rio, dirigiu-se para a Base Aérea de Canoas a fim de colher documentos e pertences que lá deixara. E foi onde estava quando começou o golpe, entre 31 de março e 1º de abril, depondo o presidente João Goulart. O comandante da base, brigadeiro Otelo da Rocha Ferraz, deixou o local depois de ser nomeado novo comandante pelos golpistas, o brigadeiro Nelson Lavanère Wanderely. Mas os sargentos e suboficiais, inconformados, se rebelaram. E junto com eles estava o seu antigo Comandante da Legalidade.

É difícil saber exatamente o que aconteceu a seguir. Lavanère Wanderley se apresentou na base acompanhado pelo coronel-aviador Roberto Hipólito da Costa. Por volta das 21h do sábado, 4 de abril de 1964, reuniram-se numa sala do comando com o tenente-coronel. Estavam apenas os três. Segundo informações da imprensa, houve um tiroteio. A versão divulgada estabelecia que, ao receber ordem de prisão, ou de se apresentar no Rio de Janeiro, o tenente-coronel Alfeu se insurgiu, sacou da arma, fez cinco disparos contra o brigadeiro, à queima-roupa, acertando um ou dois de raspão. No futuro, ao ser empossado como ministro da Aeronáutica, o brigadeiro tinha, segundo o ministro que lhe transmitia o cargo, a cicatriz de um ferimento de raspão no olho. Uma versão diz que “elementos de segurança” acorreram e alvejaram o tenente-coronel.

Outra, que foi a versão levada a julgamento, estabeleceu que o autor dos disparos contra o tenente-coronel foi o coronel Hipólito. A nota oficial distribuída pela Aeronáutica em 5 de abril dizia que o tenente-coronel fora morto por “circunstante”. De um modo geral, os comentários ressaltavam que o oficial morto era de “tendências brizzolistas” (sic). Numa circunstância, pelo menos, foi chamado de “fanático”.

Tempos depois, o coronel Hipólito foi a julgamento no Rio de Janeiro, sendo absolvido. Segundo o noticiário, a alegação da defesa foi a de legítima defesa de terceiros. O caso é até hoje mencionado em publicações de todos os tipos, impressas ou na internet, desde as que arrolam as vítimas da ditadura àquelas que fazem a apologia do golpe e acusam o tenente-coronel de ter atentado contra a vida do brigadeiro Lavanère. As versões extremas falam em assassinato com 16 tiros de metralhadora, ou com um único tiro, disparado pelo coronel Hipólito em defesa do brigadeiro. Sobre o acontecimento, obtive depoimento da filha do tenente-coronel, Malena Monteiro.

Conversamos em 22 de maio de 1983, em Brasília, depois de uma correspondência que começou em 1980. Caracterizou seu pai como um homem impulsivo, algo autoritário e ao mesmo tempo carinhoso, dividido em casa entre manter a ordem e cuidar das meias, dos sapatos e das roupas dos filhos. Era nacionalista, não de esquerda. Disse também que por ocasião da morte do pai a família recebeu cinco passagens para ir do Rio a Porto Alegre da Varig, mas chegaram atrasados ao enterro, que se deu no dia 5 de abril, no cemitério de São Miguel e Almas, com honras militares. Depois, no Rio, foram perseguidos

# a terra é redonda

e ameaçados por oficiais da Aeronáutica, o que fez sua mãe mudar-se para a Inglaterra.

No dia da morte do pai ela disse terem os três, Lavanère, Alfeu e Hipólito, se dirigido para um gabinete do QG. Fecharam-se lá dentro, e depois de uma discussão ocorreram os disparos.

O tenente-coronel foi atingido por oito disparos, sendo quatro pelas costas e quatro pela frente. Como os disparos estavam em linha ascendente, suspeitou-se de uma metralhadora, mas é verdade que uma pistola automática faria o mesmo efeito. Supõe-se que ao ser atingido pelas costas ele tenha se virado, e recebido novos disparos pela frente. Um gesto desses levanta a hipótese de que o brigadeiro Lavanère tenha sido atingido de raspão por uma das balas disparadas pelo coronel Hipólito. Neste caso, o tenente-coronel Alfeu não atirou primeiro, e se chegou a sacar a arma foi para se defender, ao contrário da versão oficial, em que ele foi o agressor.

Há uma versão dos acontecimentos que afirma ter o tenente-coronel apenas ameaçado o brigadeiro com sua arma, e que com a chegada do coronel Hipólito e outros assessores começou “uma troca de tiros”.

Mas, segundo Malena, quem acorreu de fora para dentro foi o ajudante de ordens do tenente-coronel. Ele, ao entrar, deparou-se com a cena consumada. Disse-me que este rapaz também foi perseguido pelos vencedores do golpe, bem como vários sargentos e oficiais da base, entre eles o capitão Alfredo Daudt, que estava presente na base no momento do tiroteio.

Seu pai foi levado para o Hospital do Pronto Socorro em Porto Alegre, onde chegou com vida e ainda sobreviveu por meia hora. Não falou sobre os acontecimentos, só sobre os filhos. Ela disse que a família soube de alguns desses fatos por uma freira, que estava presente no hospital, e que o médico que atendeu seu pai resolveu calar-se, por medo das consequências. Na ocasião em que a entrevistei, o coronel Hipólito já tinha morrido. O brigadeiro Lavanère também, ou morreu algum tempo depois. Em nenhum momento, em nenhum documento, encontrei referência a exame de balística nas armas presentes.

O que se passou exatamente naquela sala? Jamais se saberá. Ela virou uma caixa-preta. Só poderia se saber com exames de balística nessa altura impossíveis, com o exame da sala em busca de possíveis vestígios que tenham ficado depois de tantos anos, com a exumação dos restos mortais do tenente-coronel. O depoimento de Malena, a partir do da freira e do ajudante de ordens, é consistente.

A versão de que seu pai disparou cinco tiros a queima-roupa e errou todos é inverossímil. Também é a de que tenha sido atingido por um único tiro, pois ainda foi transportado para o Hospital do Pronto Socorro em Porto Alegre e lá sobreviveu por meia hora, e falando. É certo mesmo que tenha sido atingido várias vezes e tenha morrido em consequência da hemorragia e da falência de órgãos atingidos.

A versão de que foi atingido por “dezesseis tiros” cabe na de que levou oito, pois como se sabe, um tiro nas condições em que estavam, atravessa o corpo. Se o tenente-coronel foi atingido por oito, teria 16 orifícios pelo corpo. E é possível mesmo que uma das balas disparadas pelo coronel Hipólito tenha ferido o brigadeiro, saindo do corpo do tenente-coronel ou passando-lhe ao lado, enquanto este se virava. As versões divulgadas oficial ou oficiosamente se desmentem na sua multiplicidade.

Mas o importante a ressaltar é que o Golpe de 64 criou esse tipo de caixa-preta na vida de todo mundo. Sempre há algo que é difícil ou mesmo impossível de decifrar completamente. No caso, essa caixa-preta se refere à vida de um homem com quem a cidade e o povo de Porto Alegre têm uma dívida imorredoura. Ele, os oficiais e os sargentos legalistas salvaram a cidade de um bombardeio criminoso.

Em dezembro de 2017 o juiz Fábio Hassan Ismael, da 2ª. Vara Federal do município de Canoas, em processo aberto a pedido do Ministério Público, determinou a retirada da expressão “legítima defesa” do obituário do tenente-coronel. Ficou

# a terra é redonda

estabelecido que ele foi “executado”, ou seja, assassinado. Já em 2015 decisão da Câmara de Vereadores da cidade dera o nome dele a uma praça junto da avenida Getúlio Vargas, com a presença de um busto em sua homenagem. A praça que não há em Porto Alegre acabou sendo criada na vizinha Canoas.

Em seu depoimento, Malena ressaltou que seu pai gostava de voar. Foi daí que pensei ser uma praça homenagem adequada a ele, já que elas costumam abrigar muitos pássaros, e estes também gostam de voar. De resto, só sei dizer que quando pedi a ela que me dissesse como era seu pai, ela teve um olhar que eu gostaria que vissem no rosto de minhas filhas, se a elas um dia lhes perguntarem qualquer coisa sobre mim.

*\*Flávio Aguiar, jornalista e escritor, é professor aposentado de literatura brasileira na USP. Autor, entre outros livros, de Crônicas do mundo ao revés (Boitempo). [<https://amzn.to/48UDikx>]*

Versão corrigida e atualizada de artigo publicado em 02/04/2014, no Blogue do Velho Mundo - Rede Brasil Atual.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**